

O futuro não tão incerto

CHICO VIGILANTE

Fome de educação não é uma fome que se mata apenas com uma cesta básica de materiais escolares, nem com escolas suntuosas por fora, mas pode por dentro, abrigando professores vergonhosamente mal remunerados, métodos de ensino desaconselháveis e um contingente de alunos apresentando médio e baixo rendimentos e mais de 30% de reprovação, o que, inclusive, revela a falência do sistema adotado.

Fome de educação se mata com a determinação dos governantes para promover a revolução necessária dentro do setor. Uma revolução até simples na sua forma, sem se enfeitar o pavão, mas de incrível profundidade em sua essência. Ela existe com um único objetivo: levar o ensino fundamental (primeiro grau) a todas as crianças e adolescentes, de sete a 14 anos. Indiscriminadamente. E, educando, o Governo constrói, definitivamente, o futuro, pois não se vislumbra futuro algum sem educação.

Esta revolução está em marcha, em Brasília, promovida pelo governo Cristovam Buarque e tendo à frente o secretário de Educação, Antônio Ibañez Ruiz. Em marcha, com todas as vitórias. É tamanho o seu sucesso que deixa nervosos os adversários políticos do GDF.

Ainda no último dia 7, o Governo do Distrito Federal e a Universidade de Brasília assinaram um convênio, criando o Vestibular Sériado. Através deste projeto, a UnB abre 50% de suas vagas a alunos do segundo grau, quer sejam da rede pública, quanto da privada.

Com ele, o ingresso à UnB vai se dar, mediante provas que os alunos farão, ao final de cada ano letivo, durante os três anos do segundo grau, dentro de suas próprias escolas. Aqueles que obtiverem os melhores resultados garantirão as suas vagas no ensino superior. Do contrário, resta-lhes ainda o vestibular tradicional.

Este projeto, idealizado pelo governador Cristovam Buarque, à época em que ainda era reitor da UnB, dá aos alunos, principalmente os da rede pública, mais chances de ingresso no ensino superior, algo que, até agora, tem sido exclusivamente reservado àqueles que podem pagar boas escolas e, ao final do segundo grau, fazer um cursinho pré-vestibular.

O fato em si é carregado de uma aberração e desumanidade tamanho, pois esses alunos, privilegiados pela situação financeira de suas famílias, vão, depois, estudar gratuitamente, nas universidades públicas, às quais os carentes não têm acesso. É uma contradição perversa e que revela muito bem a natureza elitista que sempre permeou a política nacional de educação.

Mas, em Brasília, começa a ser possível ao pobre sonhar com uma vaga na universidade pública.

A revolução educacional em marcha tem ainda no seu front, dentro do conjunto de medidas, a Bolsa-Escola. Ela já está chegando às cidades de Samambaia e Ceilândia. Serão mais 15 mil famílias carentes beneficiadas e cerca de mais 40 mil crianças. O Projeto vai, com isso, atingir a 20 mil famílias e mais de 50 mil crianças, no ano que vem.

Várias cidades brasileiras já estão utilizando este sistema. Projeto de Lei de minha autoria inclusive o estende a todo o País.

Outras peças azeitam também a máquina transformista da Educação. Exemplos são o projeto Vira Brasília, um programa de alfabetização para crianças que, utilizando método moderno e professores especialmente treinados, conseguem alfabetizar, em seis meses 18 mil crianças que não conseguiam apresentar rendimento nas salas de aula; o Contatos de Primeiro Grau, uma bela revista editada pela Secretaria de Educação em convênio com a SBPC. Ela traz informações científicas e de cidadania e é distribuída

entre alunos de primeiro grau da rede oficial de ensino.

Não posso deixar de lembrar que, ontem (sexta-feira) e hoje, 526 escolas públicas de todo o DF vão eleger as suas diretorias e os seus conselhos escolares. Significa dizer que, a partir de agora, professores, servidores, pais e alunos vão dirigir os destinos dos seus estabelecimentos de ensino, com as direções deixando de ser impostas verticalmente de cima para baixo. O GDF está convicto de que a democracia nas escolas contribuirá para a melhoria do ensino. Quem, dessas partes envolvidas citadas, não vai querer trabalhar para melhorar a sua própria escola?

Mais: o governo Cristovam está criando creches dentro de centros de Atendimento Integral à Criança (Caics), que vão atender filhos de mães carentes em tempo integral — das 7h30 às 18h00.

Brevemente, toda a rede pública vai oferecer à comunidade, além do ensino fundamental obrigatório, também o pré-escolar. E constrói salas de aula na proporção de uma para cada dia útil.

Enquanto isso, o GDF adota, lá na outra ponta, uma outra medida surpreendente: abre uma linha de crédito para executar projetos de alunos que estejam concluindo o segundo grau.

A educação, em Brasília, é uma das grandes obras do governo Cristovam. Ela alcança a todos, preferencialmente as crianças carentes. E prova que a vontade de mudar é mesmo o dínamo gerador de energia necessária para as mudanças.

Fico imaginando o quanto Brasília já perdeu de tempo. Mas não é tarde, quando se fala de futuro, um futuro que passa pela educação. E, tenho certeza, aqui em Brasília, o futuro já não é tão incerto.

■ Chico Vigilante é deputado federal pelo PT do DF